

1. 1º. Giro – dis-cursus, a escrita fragmentária & os giros da tese

Devenir, devir
Término de leitura
de um livro de poemas
não pode ser o ponto final.

Também não pode ser
a pacatez burguesa do
ponto seguimento.

Meta desejável:
alcançar o
ponto de ebulição.

Morro e transformo-me.

Leitor, eu te repropunho
a legenda de Goethe:
Morre e devém

Morre e transforma-te.
(Waly Salomão)

Num dado momento da investigação conjugada do mestrado e, agora, do doutorado me vi enredado nas malhas dos textos lidos e das idéias esparsas. As teias se entrecruzavam sem levar a um plano conceitual unido. Mais do que da ordem da teia da aranha concisa ou do casaco de lã, tecido e projetado pela costureira, senti-me numa profusão de malhas atravessadas e várias peças informes e indefinidas. As linhas da escrita estavam menos inseridas num núcleo central de uma tese de doutorado e mais na profusão de pensamentos convulsos – numa confrontação de forças titubeantes.

O frêmito fragmentário e ensaístico vibrou como alternativa. Esclareço: o fragmento apresentou-se como fuga aos padrões acadêmicos com seu núcleo conceitual e blocos autônomos de “alinhamento” – um abalo sísmico. Este tremor fez emergir uma sucessão de fragmentos, sem aspirar a uma totalidade. Interrompendo e desunindo o curso – *cursus* – dos acontecimentos. Tive e tenho necessidade da descontinuidade, do intervalo e da pausa do diálogo, da leitura ou da narrativa oral. Pausa para respirar, retomar o fôlego ou para escutar o outro. Este movimento intervalar é o do *dis-cursus* (Maurice Blanchot): o “curso

desunido e interrompido”. O pensamento em devir, sem fechamento, sem totalização.

Esta escrita repele o sistema concluído por sua paixão pelo inacabado; está em definitivo “ligad[a] à mobilidade da busca, ao pensamento viajero”. O fragmento, diz Maurice Blanchot, ignora a suficiência. Não entra em contato com outros fragmentos para comporem um pensamento mais completo ou um pensamento de conjunto – uma história fechada. “O fragmentário não precede o todo senão se diz *fora* do todo e depois dele” (Blanchot, 1973: 42-3)¹. Não é demais lembrar que ele, tampouco, se contrapõe ao todo; o fragmentário e o completo convivem.

O fragmento, para Blanchot, aparece como modo de operação em Heráclito e em Nietzsche. A escrita fragmentária funcionaria estrategicamente como afirmação da multiplicidade, negando assim a existência de uma verdade absoluta. Há a necessidade da descontinuidade, da interrupção abrupta e dos intervalos, silenciosos e vazios. Por outro lado, “encontrar é tornejar, dar a volta, rodear. Encontrar um canto é tornejar o movimento melódico, fazê-lo girar. [...] Errar é voltar e retornar, abandonar-se à magia do desvio” (Blanchot, 2001, p. 63-4). Rodear algo que já fugiu, cuja captura é apenas momentânea. Fazer girar o objeto e o sujeito. Nunca se encerrando numa totalidade, apenas indicando a coexistência de diferentes perspectivas.

Os fragmentos unidos sob um título ou capítulo – no caso desta tese, os “giros” – não finalizam absolutamente nada. Reforçam o convívio na diferença. Eles têm, entre si, menos uma convivência harmônica que uma afirmação da diferença. Relacionam-se violentamente. Estão, a todo instante, resistindo à captura globalizante do título do giro ou à redução de uma forma breve noutra. Violentam-se. Estão entre o encontro e o erro, torneando os ruídos e retornando para desviar-se e transmutar-se em outro giro, em outro fragmento.

Na verdade, as formas breves não se resolvem dialeticamente. Tudo está em movimento, num confronto de forças que se transformam, porém uma coisa nunca se reduz à outra. Toda a força está em relação com outra força. A força – ou o “ser da força” – é já da ordem da pluralidade. Os fragmentos são forças se enunciando no texto. Eles coexistem, ou melhor, se justapõem e se aliam. Uma

¹ Seguindo uma estratégia antropofágica optei por traduzir para o português todas as passagens e citações em outro idioma.

dialética insolúvel, sem síntese. Desse modo, as formas breves sugerem outras forças, outros fragmentos, outras verdades. E estas funcionam ou não, dependendo de como nos apropriamos delas.

Em *Nietzsche e a Filosofia*, Gilles Deleuze fala sobre essa confrontação de forças que seria também o movimento dos fragmentos e dos giros que compõem esta tese. A história se atualiza na sucessão de forças que se apoderam de uma parte da realidade. Essas forças coexistem com outras forças que lutam – espreitam – para também agenciarem a realidade. Os fenômenos mudam de sentido conforme as forças que deles se apropriam. “Toda força é uma apropriação, dominação, exploração de uma quantidade de realidade” (Deleuze, 1974: 3). As forças e os fragmentos coexistem com outras forças e outros fragmentos germinando sentidos e perspectivas, sempre circunstanciais e num conflito irresoluto.

O último ponto que gostaria de destacar é que, através da escrita fragmentada, o pensamento se manifesta como afirmação do azar. Dito de outra maneira, tudo pode acontecer, dentro do jogo aleatório em que o pensamento se enuncia. Funciona, poderíamos dizer, como um “lance de dados”; o que só vem a reforçar o pensamento em sua pluralidade. Stéphane Mallarmé alonga o universo da poesia, do pensamento e da sociedade em sua poesia constelar: *Um Lance de Dados*. Libera um novo plano de relações e possibilidades do uso da linguagem e do pensamento. Afinal de contas, como comunicar um pensamento-constelação que se furta a cada lance de dados ou submerge a cada exercício textual?

Mallarmé traz à baila um pensamento formado por um lance de dados; pela sorte – ou azar – de um lance de dados. Enquanto hesita entre jogar ou não os dados, o pensador ou o poeta seriam os “mestres do universo”. No entanto, a partir do instante em que os dados são lançados e cessam de rolar, um pensamento-constelar se forma no céu branco da página. O jogo não pára aí: tão logo a constelação se forma, o aleatório retorna num novo lance de dados. O acaso jamais é abolido e o pensador-poeta é o “redentor do azar” (Blanchot). E, com isso, segue, também, a sua tarefa: a “luta pela conquista do impreciso: a determinação da indeterminação” (Campos, Pignatari e Campos, 2002: 28).

Esta é a luta que convido o leitor a travar com as insinuações trazidas, depois de 6 anos de investigação acadêmica², nos giros da espiral desta tese. Por um lado, a tese é um objeto material, fechado, com início e fim e se apresenta através de uma sucessão de eventos. Esta é a dimensão formal e necessária – a captura – da enunciação do pensamento acadêmico. Por outro lado, estabeleci linhas de fuga destas fisgadas da academia, ao entregar-me à magia do desvio, dos intervalos, às vezes abruptos, da escrita fragmentária. De maneira alguma criei este modo de operação, apenas segui o fluxo dos pensamentos e das forças que travam suas batalhas no cosmos: desapropriando as forças dominantes da realidade e sendo devorado por outras forças. Tudo está aí para ser experimentado e desperdiçado na borda e fronteira do conhecimento.

... ..

Seguindo esses *dis-cursus* – “cursos desunidos e interrompidos” – esta tese se estende ao infinito. Está menos próxima de uma circulação encerrada num núcleo central, como um círculo fechado, ou uma linha reta, onde os fatos se seguem diacronicamente e, mais, para um movimento espiralado; embora o leitor possa se sentir tentado a reduzir os fragmentos ao enunciado das divisões da tese. Desse modo, ao invés de dividir a tese em capítulos, abri-a para os giros da espiral – como a concha do caracol.

Os *giros*, resultantes do movimento em espiral, colocam a tese em movimento, inviabilizando sua conclusão. Ouso dizer que, dentro do que se “acostumou” a classificar como tese de doutorado, esses giros não poderiam compor uma. Esta vai se apresentando aos solavancos, com desvios e

² Considero que esta tese, na verdade, é uma continuação – intervalar – da minha dissertação de mestrado. Foram 6 anos de investigação ao lado da minha orientadora e mestra, a Marília, uma figura ímpar. Generosa, paciente e sábia talhou com afinco conselhos imprescindíveis, de um jeito mineiro e único. No mestrado investiguei o arquivo, em especial seu conteúdo epistolar, de Glauber Rocha. Estive interessado em seu exílio e como foi formando um pensamento, ao mesmo tempo, fragmentado e totalizante sobre a cultura e a política brasileiras. Trabalhei, é claro, com sua produção no exílio e depois. Acontece que, durante a escritura da dissertação, me vi envolto em uma atmosfera estimulante e criativa que germinou meu lado poético-criativo. O trabalho acabou sendo – quase – um arquivo pessoal com ensaios, cartas, poemas e diário de viagens, que realizei durante o mestrado, inspirado na força potente desse personagem da nossa história recente. Costumo dizer que frente à riqueza provocativa do material visto e lido, usei o Glauber como força impulsionadora da criação e do amadurecimento do meu pensamento crítico, dentro desse espaço um tanto alinhado que é a academia. No doutorado, sigo as veredas abertas por essa aliança demoníaca com Glauburu, entre idas e vindas, resistências e insistências, uma vez que o movimento é, sempre, intervalar, abortivo e prossegue, desviando-se, aos solavancos.

interrupções. Tenta mover-se além dos mais acomodados modos de escritura acadêmica, modos impregnados por práticas logocêntricas. Evitando, assim, um projeto global ou qualquer escrita com um tema central, cuja tese seria justamente um contorno do objeto central comprovando sua hipótese. Optei, ao contrário, pela escrita fragmentária e ensaística, articulada em controvérsias.

A dificuldade aumentou. Quando interpelado pelos olhos insinuantes de algum interlocutor, perseguindo meu objeto com sua pergunta apavorante: “afinal de contas, o que você estuda?”, procurava escapar. Escrevendo-a e, mais, relendo-a agora, até que a questão não chega a arrepiar meu último fio de cabelo. Mas, durante árduos 4 anos de investigação no doutorado, confesso: jamais consegui responder essa pergunta. O acaso me ajudou com seus desvios e fugas frente ao olhar inquiridor. Saí pela tangente, com explicações evasivas ou prolixas, até que o meu interlocutor desistisse da pergunta, com aquela resposta: “ah, complicado demais!”. O que resolvia, provisoriamente, minha angústia. Depois do “ufa” inicial, ficava com aquela “fuga atrás da orelha” (Artur Omar): “devo estar perdido mesmo, pois não consegui responder a uma pergunta simples... tenho que saber o que estudo”.

Terminei a tese e ainda não tenho uma definição fechada do meu objeto nem considero que seja conveniente formulá-la. Agradeço a generosidade da minha orientadora por, sempre, ter trazido clareza às minhas inquietações e por me estimular em todos os meus delírios com provocações e novas leituras. Num dado momento, mais especificamente depois do meu exame de qualificação, segui a indicação – esclarecedora – da Professora Mônica Simas: encontrei na *Conversa Infinita* de Blanchot, o curso desunido e interrompido, o *dis-cursus*. Agradeço, imensamente, ao suporte ou ao argumento de peso de Mônica-Blanchot. Alívio.

Creio que no ensaio fragmentado mantemos, com maior intensidade, as forças em conflito permanente. Não as escamoteamos sob a proteção do centro ou da demonstração da tese (uma conclusão prevista desde o início). As forças são apresentadas em sua tensão, tal qual estão no mundo ou tal qual estão em nossos pensamentos; sempre em diferença, isto é, enunciando-se pela e através da diferença. Para encontra-las, segue-se o movimento do giro: “tornear, dar a volta, rodear”. Encontrar os objetos é fazê-los girar em meio a erros ou ao “abandono à magia do desvio”.

Os giros, em suma, são descritos por fragmentos, que têm e não têm uma relação entre si. Não esgotam o assunto nem, tampouco, compõem uma totalidade. São menos um curso de eventos que se conectam para formar um conceito unívoco sobre um assunto do que uma reunião de perceptos evanescentes e sensações poderosas em afetar-nos, compondo a aventura pensante que me interessa.

A questão central para mim – será que consegui, enfim, responder a pergunta aterradora? – é a relação que estabelecemos com o outro que levamos em nós mesmos e com o eu que o outro carrega consigo. Se só resta a relação entre diferentes perspectivas, como nos relacionamos com estas? A filosofia antropofágica fornece algumas respostas a esse incômodo. E mais, aí é onde a porca torce o rabo: vivemos sob a égide da “ferida colonial” (Walter D. Mignolo), isto é, somos herdeiros de um pensamento cujas duas faces da moeda são a modernidade e a colonialidade. Desse modo, os “outros” se dividem naqueles que são invejados e nos que são discriminados. Como, então, superar ou, ao menos, conviver com, essa ferida colonial? Como ver, ouvir e sentir os outros, discriminados e diminutos, enunciando suas cosmovisões sem cair na tentação de mediá-los?

Os motins antropofágicos aqui propostos – devorados – seguem menos uma lógica analógica e por apropriações de objetos diversos e mais uma relação múltipla, molecular e digital. São contaminações possibilitadas por relações transversais e microcósmicas. Por isso, o leitor se deparará com uma mescla heterogênea de registro de escritas. Faço uso de textos sociológicos, poéticos, filosóficos, antropológicos, religiosos e da escrita panfletária e mantenho esse registro naquilo que ele é potente, reforçando sua energia de ação. Menos didática e instrumental e mais improvisada, caótica e espontânea, sensível às entrelinhas e à potência despreendida pela afetação mútua e constante.

É isso que quero quebrar, desierarquizando e descolonizando. É para esta insurreição que convido o leitor, uma vez que, antes de mais nada, esta tese são giros espiralados compondo motins ou “zonas autônomas temporárias” (Hakim Bey).

Escrevo para ver ecoar nessas páginas o ritmo do pensamento animista e antropofágico das matas e mares de Abya-Yala³. São perceptos fragmentados que mais do que propor um único curso dos eventos, fazem repercutir o *dis-cursus* oral, gestual, mudo e escrito pelas diferentes perspectivas que por aqui se manifestaram e que coexistem com nosso mundo midiático, consumista, capitalista e acadêmico.

³ Nome com que os índios da etnia Kuna, do Panamá e parte da Colômbia denominavam o continente latino-americano. Hoje em dia, vários movimentos indígenas se referem ao continente usando essa nomenclatura. Segundo Walter Mignolo, Abya-Yala significa “terra viva” ou “terra madura”. Cf. Mignolo, 2005. O blog em questão é o: <http://abyayalasinfronteras.blogspot.com/>